

## PRODUZINDO PANE NO SISTEMA SEXO-GÊNERO

Luísa Avencourt Soares  
*Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Bolsista PIBIC-CNPq de Iniciação Científica no Departamento de Psicologia Social e Institucional da UFRGS.*  
*luisaavencourt@gmail.com*

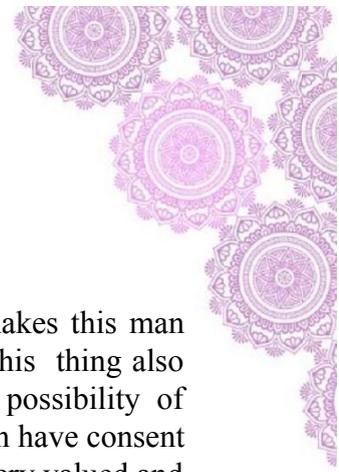
Thais Gomes de Oliveira  
*Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Bolsista CAPES.*  
*gomes.thaisoliveira@gmail.com*

*Simpósio Temático n° 18 – EPISTEMOLOGIAS TRANS/TRAVESTIS E GERAÇÕES: INFÂNCIAS E NOVAS AUTORIAS*

### RESUMO

Há algo que faz de um corpo com pênis um homem, algo que além disso faz desse homem alguém que prefere comprar armas a comprar roupas, mas não para por aí: esse algo também faz desse homem alguém que não chora, que vê na violência uma possibilidade efetiva de comunicação. O que é isso? Por que nos encerram em algo quando sequer temos ciência em, paradoxalmente, uma sociedade que valoriza tanto a liberdade? Questões como essas são muito caras e compõem o horizonte de uma Psicologia Social com um paradigma ético-estético-político de estudo, que visa sobretudo evidenciar quais tecnologias são responsáveis por essa divisão. Para isso, é produzida uma narrativa que se pretende disruptiva e transformadora, que proporciona uma (possível) revolta com esse sistema, mobilizando afetos e o corpo daquele que lê, pensando novos mundos e novas formas de existência, para além daquela branca, europeia, capitalística, heterossexual e cisgênera. Propondo-se romper com a normatividade, discutindo como as questões de gênero atravessam nossas subjetividades hoje. Colocando todos holofotes necessários nesta norma de gênero binária que nos cinde em dois e somente dois desde antes de nosso primeiro choro. É essa a vida que queremos?

**Palavras-chave:** subjetivação. cisheteronormatividade. narrativas ficcionais. psicologia social.



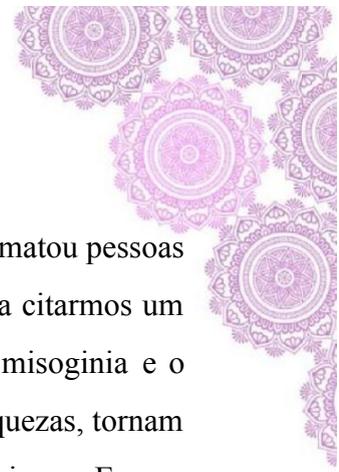
## ABSTRACT

There is something that makes a body with a penis a man. Something that also makes this man someone who prefers to buy guns than to buy clothes, but it does not stop there: this thing also makes this man someone who does not cry, who sees violence as an effective possibility of communication. What is it? Why do they lock us up in something when we don't even have consent in, paradoxically, a society that values freedom so much? Questions like these are very valued and compose the horizon of a Social Psychology with an ethical-aesthetic-political paradigm of study, which aims above all to show which technologies are responsible for this division. For this, a narrative that is intended to be disruptive and transformative is produced, which provides a (possible) revolt with this cistem, mobilizing affections and the body of those who read, thinking new worlds and new forms of existence, beyond the white, European, capitalistic, heterosexual and cisgender. Proposing to break the normativity, discussing how gender issues cross our subjectivities today. Putting all the necessary spotlight on this binary gender norm that splits us into two and only two since before our first cry. Is this the life we want?

**Keywords:** subjectivation. cisheteronormativity. fictional narratives. Social Psychology.

## Introdução

Prescrever uma vida não é algo novo no seio do capitalismo colonial. As relações de trabalho modernas foram se transformando ao longo da sofisticação desse sistema socioeconômico e do avanço do colonialismo. Essas transformações notavelmente não se encerram nas relações de trabalho ou mesmo no sistema de produção. Desde o capitalismo fabril até o capitalismo financeirizado, sujeitos são produzidos. Conforme diz Margareth Thatcher, ex-primeira-ministra da Inglaterra: "A economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma". Percebe-se que esse modo de vida europeu e capitalístico, através da hegemonia euro-americana do projeto colonial, tornou-se cada vez mais onipresente. Vozes como a de Oyèrónké Oyěwùmí (2004) trouxeram à tona o quanto o projeto colonial proporcionou uma mudança no comportamento humano, na cultura e na produção de conhecimento. É nesse contexto que o masculino, o branco, o cisgênero e heterossexual se coloca como régua do mundo. O molde da família nuclear cisheteronormativa europeia se proliferou, enquanto outras possibilidades de relacionamento foram, no mínimo, desencorajadas. Inclusive muitas vezes pela força estatal que nega cuidados de saúde ou de reconhecimento de relações. Tudo isso sobreposto a um policiamento público de normas de gênero e de sexualidade, seja por motivos religiosos ou através de meios psiquiátricos (BUTLER, 2017), sobretudo em relação a pessoas racializadas. Os desdobramentos dessa norma, em relação àquelas

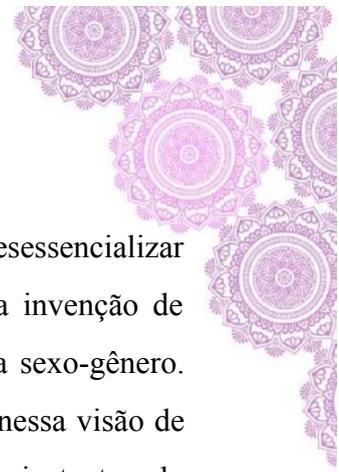


que não se adequam a ela, conhecemos bem: O Brasil foi em 2020 o país que mais matou pessoas trans/travestis no mundo, assim como nos 12 anos que antecederam a esse ano, para citarmos um único exemplo. A extrema violência contra pessoas LGBTIA+, o racismo, a misoginia e o capacitismo, associadas com a desigualdade evidente do modelo de acumulação de riquezas, tornam urgente uma radical transformação nos modos de produzir, de viver e de se relacionar. E se a naturalização dessas violências passa por uma epistemologia europeia que se centra no homem branco, cisgênero e heterossexual, é imprescindível pensarmos uma epistemologia minoritária, no sentido deleuziano, ou uma epistemologia travesti.

Torna-se precioso para esse objetivo que tenhamos cada vez mais sujeitos insatisfeitos com as normas vigentes. Como podemos expor suas fissuras? É possível promover um descontentamento com o sistema cisgênero? Segundo Butler (2014), sempre haverá uma incompletude que passa por notar que as condições de nosso surgimento não estão ao nosso alcance e que nossa singularidade é limitada pelos códigos da norma. A necessidade de negociar a todo instante com os códigos pode oferecer um meio para forçar a sair do agora - do reconhecimento - e a transitar em outros espaços-tempo: uma forma de produzir desterritorialização ou, conforme trataremos nesse artigo, produzir pane. Tendo isso em mente, a questão central a ser problematizada é o sistema sexo-gênero. Um sofisticado sistema que está por toda parte e que nos brinda com os famosos chás de revelação, em que o bebê tem sua genitália revelada e um mundo se monta para o esperar, um mundo masculino ou feminino.

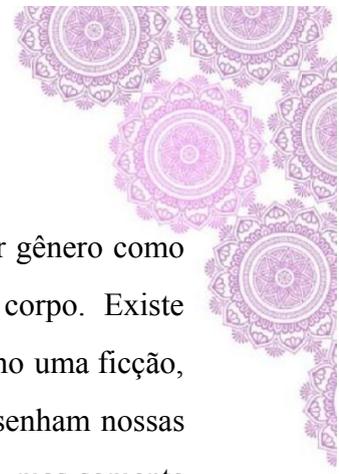
Este é um texto escrito pela primeira autora e orientado pela segunda, e que por vezes é narrado em primeira pessoa do singular. Isso faz parte de uma política de escrita que corporifica o lugar de quem escreve no campo que produz. Será, primeiramente, proposta uma discussão sobre a norma cisgênera, e se utilizará de uma narrativa ficcional produzida, a fim de potencializar a desterritorialização. Pensaremos em sequência quais são as possibilidades teóricas que tornam esse aparato mais frágil e obsoleto, visando tornar possível sua descontinuação.

## **Código binário**



Setores do movimento feminista têm buscado, nas últimas décadas, desessencializar narrativas acerca do que seriam pessoas homens e pessoas mulheres - através da invenção de brechas discursivas que produzam e sustentem outras formas de habitar o sistema sexo-gênero. Afirmar o caráter social e ficcional dessas relações possibilita a criação de fissuras nessa visão de que a verdade do sexo está reduzida ao binômio homem/mulher, visão reiterada a todo instante pelo conjunto de leis da norma. Para esse código, todo corpo é heterossexual e cisgênero antes mesmo de nascer.

A filósofa Judith Butler (1988) nos lembra que já em Merleau-Ponty reflete-se sobre o corpo como ser sexuado, reiterando que o corpo é mais do que uma espécie natural mas sim uma ideia histórica, ressaltando como o sexo na sociedade moderna é tratado como um dispositivo capaz de gerar discursos, saberes e que constitui uma verdade sobre os corpos. Para a autora, gênero é um sistema de regras, convenções, normas sociais e práticas institucionais que produz performativamente o sujeito que pretende descrever. Gênero não como uma essência ou verdade psicológica, mas como uma prática discursiva. Além de ser uma categoria contingencial, inventada e repetida nas malhas discursivas que compõem o gênero, o corpo sexado é também narrativo: Em Problemas de Gênero (2019/1990), a autora tensiona o quanto a ideia de sexo, dada como natural, é atravessada por diversas malhas sociais e discursivas, conforme historicizado por Thomas Laqueur em Inventando o Sexo, publicado no mesmo ano. Paul B. Preciado (2018) também nos indica sobre o quanto o sexo se tornou parte tão importante dos planos de poder que o discurso sobre a masculinidade e a feminilidade, além de como as técnicas de normatização das identidades sexuais transformaram-se em agentes de controle e padronização de vida. Desde a testosterona em gel aos inibidores de testosterona, passando pela pílula anticoncepcional para a redução de espinhas na adolescência. Com essas tecnologias postas, não existe mais a garantia de que um sexo cisgênero e heterossexual proporcione uma gravidez, se tornando sem sentido defendê-lo como uma única possibilidade. O filósofo denuncia que, paradoxalmente, na sociedade farmacopornográfica essas categorias binárias estão sendo produzidas através do uso dessas tecnologias, invisibilizando outras possibilidades de corpos fora dos binômios pênis/vagina e homem/mulher. Propondo o conceito de tecnogênero, o autor salienta que a masculinidade e a feminilidade da era farmacopornográfica são artefatos originados do capitalismo industrial. Tal qual como a comida enlatada, o computador, as cadeiras de plástico, gênero faz parte de um discurso biotecnológico possibilitado por diversas



outras questões presentes na sociedade farmacopornográfica. Preciado propõe pensar gênero como uma ficção somato-política, isto é, uma ficção política que se manifesta no corpo. Existe inicialmente uma certa resistência em pensar algo responsável por tantas mortes como uma ficção, entretanto, lembramos o quanto outras ficções, sobretudo quando naturalizadas, desenham nossas vidas. Um exemplo é o dinheiro, embora material, o papel não possui o valor em si, mas somente em uma malha social que propicia um valor de troca.

Conforme analisado por Michel Foucault (1987), existem diversas normas sociais que nos constituem como sujeitos através do que o autor chama de processos de subjetivação. Esses processos se dão, muitas vezes, através de distintas práticas de coerção disciplinar. A escola sob essa ótica é analisada como um lugar de formar corpos dóceis, não somente um lugar onde se aprende matemática ou história, mas também como um espaço de aprendizagem da violência de gênero e sexualidade, como diz Preciado (2020). A formação de um binarismo reiterado de que somos pessoas homens ou pessoas mulheres precisa de uma coerção disciplinar que pune aqueles comportamentos indesejados. Frases como “ande como um homem, não rebole”, “sente como uma menina”, “sua voz é fininha igual de menina”, “meninos não brincam de boneca”, “meninas não fazem isso”, normalmente dirigidas àquelas pessoas que escancaram o caráter político e afirmativo dessa ficção supostamente natural. Ensinando a todas pessoas desde cedo como deve se comportar aquele que não quer ser ridicularizado, ao passo que as convoca para participarem dessa polícia das normas de gênero. Por isso, Paul Preciado (2020) propõe pensarmos a infância como uma instância biopolítica que dá sustentação à norma e por este motivo ela será uma categoria substancialmente central para as articulações de movimentos conservadores, algo precisa mostrar reiteradas vezes que “azul é de menino e rosa é de menina” (SCHIAVON; FAVERO; SANDRINE, 2020). São produzidas uma série de dispositivos de reiteração dessa norma que funcionam como um grande acordo tácito de que devemos transformar aquele corpo com pênis em um homem. Esses arranjos por meio dos quais nossa sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana a autora Gayle-Rubin (1975) batizará como sistema sexo-gênero. No texto que fica conhecido como O tráfico de mulheres - importante marco no campo dos estudos feministas e de gênero - a autora convoca ao pensamento de que na instituição-casamento há a instauração de um sistema de trocas de mulheres, não exclusivamente de troca de dinheiro e de bens. A problematização da autora desemboca no argumento de que sexo e gênero são constituídos

mutuamente e estão em intrínseca relação - argumento que perseguimos na articulação do texto em questão.

Adiante, nos depararemos com uma narrativa, uma pequena historinha que você ainda não se cansou de ouvir. É sempre uma tarefa tortuosa significar e traçar a gênese de uma revolta. Ela é, certamente, resultado de diversos encontros e desencontros, um deles, cujo papel foi imprescindível, foi o promovido por uma aula de Psicologia Social da graduação em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nessa aula, fui apresentada à afirmação de Guattari e Rolnik de que “assim como se fabrica leite em forma de leite condensado, com todas moléculas que lhe são acrescentadas, injeta-se representações nas mães, nas crianças [...]”. Instaurada a perturbação, já não era mais suficiente agir de má-fé e seguir no mesmo rumo, ignorando totalmente que, na realidade, somos produzidas/es/os por um articulado design de corpos. Era preciso mais, partir dessa revolta e a multiplicar, criar outras possibilidades de encontro com esse espelho que nos força a mirar a imanência da realidade, que somos, também, espelhos.

### **Sistema-sexo-gênero.exe**

Olá, esse é um manifesto pós-gênero. Somos o seu melhor futuro, precisamos lhe entregar isso para que compreendam o mito da binaridade e com isso possam viver as nossas vidas. Eu espero muito que essa transcrição chegue até vocês. Elas fazem parte de transmissões clandestinas que estamos fazendo para que possamos existir. Ainda não viajamos no tempo, só conseguimos mandar informações. Preste bem atenção.

Provavelmente vocês estão passando pela quarentena hoje, muitos - e nós sabemos em especial quais - não tiveram o mesmo destino. Foi tudo muito difícil, eu imagino. O que desejamos com esse texto-manifesto-ensaio-pós-gênero é fazer notar a força de uma violência que você com certeza viveu. Precisaremos recapitular sua vida. Pensar sobre ela. Recontar sua história. Afinal, seja uma notícia feliz ou não, sua mãe teve que acordar um dia e informar que você iria vir ao mundo. Feliz ou não, planejado ou não, sendo ela abandonada ou não. Teve algo que delimitou sua existência até o presente momento. É como a pílula azul e a vermelha daquele famoso filme Matrix. Mas diferentemente do Neo que teve uma escolha, com você foi feito um sorteio. Você aceita um roteiro pré-estabelecido para sua vida com base em algo que você não tem controle algum? Por isso

Ihe convidamos a pensar se faz sentido mesmo sermos divididos em dois antes de sequer nascermos. Ou se podemos ser apenas crianças. Podemos ser apenas crianças? Você pôde ser uma criança? Nós do futuro vimos colocarem goela abaixo um pacote de comportamentos em você antes mesmo de você usar seu cérebro. Antes do ar entrar pelos seus pulmões, já estavam lhe ensinando a viver. Antes do primeiro choro. Mas qual o sentido de viver em uma sociedade que reforça que somos machos ou fêmeas antes mesmo de nascermos? Vocês realmente precisam ser menos complexas que uma flor? É essa vida que queremos? Precisavam te limitar assim? O que você ganhou com isso? Traumas, inseguranças, melancolia e depressão. Paranóicos, andróides produzidos pelo capitalismo. Biocapitalismo. Somos produzidos como leite condensado na fábrica. Indústria de corpos. Produzidos. Em série e por série. Abre o aplicativo. Podemos ser como quisermos, desde que desse jeitinho pré-estabelecido, tá? Fecha o aplicativo. Produzir. Corpos e produtos, produtos e corpos, ops, já não tem mais diferença. Nunca teve. Pode ter? Mas vocês já possuem a tecnologia da pílula anticoncepcional, sabe? Vocês têm preservativos de látex, dildos de borracha, cintas, cirurgias plásticas de alta performance, neo-vaginas, faloplastias, infinitas possibilidades. Vibracall. Podemos criar uma mama, retirar outra. Quem se importa se nascemos com um pau ou uma boceta? Já não faz mais a mínima diferença, nunca fez e agora faz muito menos. Só por termos um pênis, temos que nos comportar assim pelo resto da vida? Só por termos uma vagina, temos que nos comportar assim pelo resto da vida? Se não temos nenhum dos dois, vocês precisam mesmo nos colapso-mutilar para um dos dois lados? Por que não podemos vivenciar a nossa vida aos poucos? O que isso mostra é que na realidade não existem sujeitos, apenas vaginas ambulantes e pênis ambulantes. O que até hoje não conseguimos acreditar é que existiam feministas que lutavam para serem consideradas vaginas ambulantes, mas isso é outro assunto. Sei que em 2020 raramente precisava-se conhecer alguém para saber sobre ela. Era só ver o que tinham no meio das pernas. Mentira, ou melhor, nem precisava chegar a tanto, como vaginas e pênis ambulantes que vocês são, a genitália estava exposta a todo o tempo, na roupa, na comida, no comportamento. Vocês realmente precisam disso? Que tal experimentar? Ver se vocês gostam de saia, de maquiagem, de carrinhos ou foguetes? Talvez você devesse experimentar cuecas, sabe, não fica incomodando. Ou calcinhas, elas seguram bem lá embaixo. Mas você tem que continuar dentro dessa lógica ultrapassada e obsoleta? Olhe a sua volta. Lembre-se que hoje essa escolha é sua, você não dá tanto valor para a liberdade? Você dá vida a essa norma, dá corpo a essa ficção todos os dias.

Para nós, os pós-gênero, essa é uma das maiores violências possíveis, justamente por estar por toda parte, é democrática e silenciosa. Acaba com nossos mundos, com nossos modos de vida. Cercea essa tão amada liberdade: “ai como queremos ser livres para comprar camisetas pólos azuis ou pretas”, nós vemos vocês assim. Delimitaram toda sua vida até onde você pôde ir, sabe? Não ouse, jamais, ultrapassar essa fronteira ou borrar ela.

Podemos prever a vida da maioria das pessoas, triste, né? Podemos prever, é claro, pois a sociedade mostra qual o caminho e você sabe muito bem qual o seu papel dentro dessa jaula, mesmo protagonista ou não. Vamos para a parte prática. Posso descrever como foi sua vida? Você me permite? Só preciso de uma variável.

inicialização ‘sistema-sexo-genero.exe’;

```
#include<bib.cisgender.h>
```

por favor, informe seu sexo;

este é o *único* momento em que você pode pular capítulos. Sim, falo com você que me lê nesse exato momento. Ao final dele, a narrativa já acabou;

se você desenvolveu um pênis, por favor, vá para o Capítulo A;

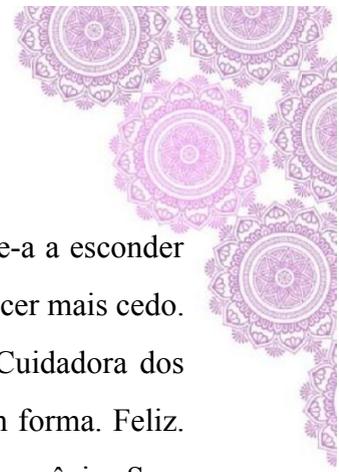
se você desenvolveu uma vagina, vá para o Capítulo 0;

//Intersexos? Intersexos... acha que não sabemos que vocês existem? Bom, sabia que ficariam aqui. Então você será uma menina, afinal, é mais fácil cavar um buraco do que construir um prédio.

## Capítulo 0 - Roteiro para vaginas

Parabéns, mamãe, você teve uma menina! Sua tia comprou uma roupa rosa para você. Será que ela terá um namorado alto ou baixo? Será que preferirá loiros ou morenos? Será professora, psicóloga ou enfermeira?

Tantas felicidades ao lhe esperar. Parabéns pela garota, ela é tão quietinha, né? Melhor colocar um lacinho na cabeça, cor-de-rosa para não ser confundida enquanto não tem cabelos longos. Presenteie-a com panelas, bonecas, barbie, polly. Assista os desenhos da garota. Meninas super poderosas, Barbie e as doze princesas bailarinas, Barbie e o segredo das fadas. Ria quando ela pede mais chocolate, é fofinho. Se for progressista, presenteie-a com um carrinho, mas rosa. Sem pêlos.



Amável, doce, suave, gentil, caridosa, sensível, afetiva. Quando virar mulher, ensine-a a esconder seu sangue uterino. Não usar absorvente interno para não perder seu hímen. Amadurecer mais cedo. Preferir garotos mais velhos. Preferir comidas doces. Em forma. Feliz. Produtiva. Cuidadora dos filhos. Cozinhe. Não beba demais. Academia. Nada de comidas de micro-ondas. Em forma. Feliz. Um bebê. Dormindo bem. Acordando para dar de mamar, ao marido e ao filho-pênis. Sem pesadelos. Sem paranoia. Em forma. Feliz.

E você se questiona, o que havia do outro lado? O que aconteceria se eu mentisse que tenho um pênis? Seria diferente, claro, mas o que será que essas pessoas previram para um pênis? Nós pedimos que não leia o capítulo A. Ter curiosidade de experienciar o gênero oposto é transgeneridade, você sabe disso. Viva como você viveu sempre, aceite esse roteiro e ponto final. O texto já acabou.

#### Capítulo A - Roteiro para pênis

Parabéns, mamãe, você teve um menino! Seu tio comprou uma roupa azul para você. Será que ele será muito sapeca? Será que vai pegar mais loiras ou morenas? Engenheiro civil, advogado ou médico? Tantas felicidades ao lhe esperar. Parabéns pelo garoto, ele não para quieto, né? Melhor colocar um uma touca azul na cabeça para não ser confundido enquanto não tem cabelo curto cortado. Presenteie-o com bonecos musculosos, ferramentas, carrinhos, caminhões. Assista os desenhos de garoto. Ben 10, Power Rangers, Dragon Ball e Naruto. Ria quando ele fica estressado. Forte, viril, agitado, falante, egoísta, construtor, teimoso. Quando virar homem, ensine-o que deve beijar o máximo de meninas possível. Preferir comidas salgadas. Não demonstrar seus sentimentos, pensar como uma máquina, racionalista, jamais sentimental. Racionalista, não idealista. Prático, metódico e empreendedor. Estudar, montar uma empresa, ter um carro, ter uma mulher sua, um bebê seu. Uma família sustentada por você. Não chore. Soque a parede. Seja produtivo. Em forma. Feliz.

E você se questiona, o que havia do outro lado? O que aconteceria se eu mentisse que tenho uma vagina? Seria diferente, claro, mas o que será que essas pessoas previram para uma vagina? Nós pedimos que não leia o capítulo 0. Ter curiosidade de experienciar o gênero oposto é

transgeneridade, você sabe disso. Viva como você viveu sempre, aceite esse roteiro e ponto final. O texto já acabou.

### Código fonte

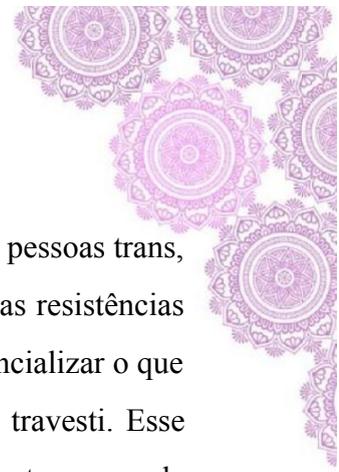
Com vistas a um ato de escrever e de pesquisar que se aliam à produção de constantes rupturas no sistema sexo-gênero, a invenção de histórias que produzam pane é ferramenta companheira. Para isso, metodologicamente o texto se alia à produção científica parcial e localizada seguindo as convocações de Donna Haraway (2009/1995). A autora produz importante crítica à suposta neutralidade de um pesquisador universal sobre histórias universais, postulando a radicalidade do ponto de vista e da perspectiva para toda produção científica, aliada à produção feminista em diferentes campos do conhecimento. Nessa mesma obra a autora critica óbvias dualidades opositivas, como homem x mulher, natureza x cultura, sujeito x objeto. Essa última é condição metodológica para o presente texto, ancorado na produção de saberes no campo da psicologia social em que a pessoa pesquisadora faz efeito no campo que cria como campo problemático, ou seja, ele não existe em si, existe o encontro. A presente ficção pretende se colocar ao lado das figurações propostas por Donna Haraway, como “imagens performáticas que podemos habitar” (1997), criadas para produzirem disrupções. A autora parte de uma ideia de que em um mundo danificado, é necessária a construção de invenções criativas e florescentes. A criação de histórias que produzem pane é também aliada com a perspectiva da ficcionalização para invenção de práticas que nos interessem. Afinal, fazer uso da ficção nos permite complexificar nosso “objeto”, possibilitando o surgimento de diversas virtualidades dentro do campo de possibilidades da questão. Fazer uso de uma ação criadora de realidades nos permite bagunçar a malha do real, brincar com a trama da realidade, multiplicar as possibilidades de relação com o mundo (COSTA, 2014). Assim como buscar as diversas possibilidades e oportunidades que nosso estrato nos oferece, suas transformações possíveis, prontas para se complexificar em novas possibilidades coletivas. O escritor como um criador de variações, como mostrador de afetos, como inventor e também criador de novos afetos. Onde não somente a narrativa tenha sido criada, mas uma transformação pelos afetos daquele que lê (DELEUZE; GUATTARI, 2010/1991). Se são novos afetos que produzem novas ideias e não novas ideias que produzem novos afetos (SAFATLE, 2016). A arte pode, como

uma forma de ampliar essa capacidade de sentir o mundo, mobilizar um olhar diferenciado na forma de perceber e viver a vida, produzindo novas ideias e transformações do real. Configurando-se como uma potente forma de sensibilizar e de expandir nossa capacidade de afetar e de sermos afetadas pelo mundo. Entretanto, mostra-se possível também uma pequena variação desse estrato: a prática de recontar. Acreditamos que narrar a nossa história como profundamente marcada por uma normatização e por uma coerção, como uma história de terror, tenha gerado diversos desdobramentos interessantes que, dentre inumeráveis diversas outras questões, nos convocaram a abandonar práticas que não pertencem ao território da criação e da vida.

### **Código aberto**

É através do uso das ferramentas da poética que a narrativa produzida pretende produzir descontentamento com a norma, inspirada no conceito de processos de subjetivação e buscando potencializar uma subjetivação singular. Conforme Guattari e Rolnik (1996) esses processos de singularização podem ser lidos como “algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados” (p. 47). Nessa direção, parte-se da produção de narrativas que permitam gramáticas acerca de como a cisgeneridade é construída de forma artificial - o que cria a necessidade de que seja reiterada rotineiramente. Se não fosse, ter um pênis e ser um homem seria mais uma dentre as infinitas outras possibilidades de existência. Viviane Vergueiro (apud JESUS, 2012) coloca termo “cisgênero” como um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento, ou seja, as pessoas não-transgênero. A autora coloca o conceito de cisgeneridade como similar aos de heterossexualidade e de branquitude, no sentido de que também propõem nomear a norma. Vergueiro cita a obra de bell hooks e situa que a linguagem também é um lugar de luta, o que inspira a relação estabelecida com a produção ficcional e narrativa utilizada na presente escrita, visto que o campo de produção discursiva é espaço para embates, desestabilizações e para criação de mundos.

Segundo a autora, o conceito de cisgeneridade é formulado principalmente a partir de vozes que falharam em habitar a normatividade na questão de gênero, frequentemente sobreposta em



outros “fracassos” normativos relacionados a marginalizações sociais, as travestis, as pessoas trans, todas aquelas pessoas que são dissidências do sistema sexo-gênero. Essa potência das resistências dos corpos e identidades de gênero inconformes faz parte desses esforços por desessencializar o que é um homem, o que é uma mulher, o que é uma pessoa não-binária, o que é uma travesti. Esse movimento de percepção do quanto fomos direcionados, em nome de uma suposta natureza, pode provocar uma descontinuidade no processo de subjetivação cisgênero, um *bug* no sistema sexo-gênero. A produção disso que tratamos como *pane*, dada através da figuração, é inspirada no conceito de *breakdown*. A narrativa, assim como o conceito de cisgeneridade, se mostrou uma forma de produzir uma espécie de desterritorialização, de *pane*, um *bug* no sistema sexo-gênero.

O biólogo chileno Francisco Varela (2003) utiliza o termo *breakdown* para referir-se a essa espécie de susto, abalo ou colapso, essa descontinuidade entre a continuidade cognitiva. Esse acontecimento, possibilita uma reorganização e o nascimento do novo. A *pane* força o sujeito a experimentar algo do campo pré-subjetivo, possibilitando um diálogo com a situação. Segundo Regina Sordi e Maria Helena De-Nardin, o *breakdown* força a sair do reconhecimento, essa potência produz uma subjetivação num registro singular, da invenção de si e de um novo mundo.

“[...] eu tinha desaprendido completamente a sua linguagem, a linguagem que também tive antes, e, embora com algum esforço conseguisse talvez recuperá-la, não valia a pena, era tão mentirosa, tão cheia de equívocos, cada palavra querendo dizer várias coisas em várias outras dimensões.” Caio Fernando Abreu. Uma história de Borboletas, 1996.

## Considerações finais

Habitamos uma assumida narrativa de passo a passo do exercício forçado da criação de seres humanos cindidos em dois no processo de sustentação do binarismo de gênero. Atentamos, porém, ao quanto o presente trabalho se propõe ser o mais concreto possível, habitando a materialidade dos códigos que nos cercam. O uso da figuração não se trata de uma mera escolha, mas do movimento de tomar as rédeas, ao menos por instantes, dessa poderosa ficção distópica que nos permeia.

A experimentação da metodologia que guiou a escrita da narrativa que se propõe brincar de forma séria com a construção de um roteiro para pênis e outro para vaginas, bem como a análise subsequente, mostrou-se uma forma possível de tensionar o mais corriqueiro e, por isso, mais

transparente da constituição, bem como manutenção, do sistema binário. Produzindo uma percepção de que essa forma de organização de mundo e de corpos não pertence ao território da experimentação, da criação e da vida, tornando-se insustentável negar a necessidade de que precisamos contar novas histórias, habitar novas epistemologias, brincar com novos conceitos. Recontar a nossa própria história de um ponto de vista crítico se mostrou uma forma de provocar esse deslocamento, essa necessidade de uma vida que ainda não existe, com novas relações de trabalho e de existência. Provocando essa desterritorialização, proporcionando que sejamos afetadas de outras formas, proporcionando uma abertura estética para o mundo, promovendo o surgimento de um mundo (que passa por um “eu”) que, por enquanto, somos incapazes de sonhar.

### Citações e referências

- BARREIRO, Matheus; CARVALHO, Alonso; FURLAN, Marta. a arte e o afeto na inclusão escolar: potência e o pensamento não representativo. **Childhood & philosophy**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 30, maio-ago. pp. 517-534, 2018.
- BUTLER, Judith. **Alianças queer e política anti-guerra**. Bagoas–Estudos gays: gênero e sexualidades, v. 11, n. 16, p. 29-49, 2017.
- BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. Caderno de leituras n. 78. Jun. de 2018. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Revisado por Bernardo RB.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- COSTA, Luis Artur. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. **Fractal: Revista de Psicologia**, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes. 1996.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo é o privilégio da pesquisa parcial. **Cadernos Pagu** (5), 1995. p. 07-41. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em 10 dez. 2020.
- HARAWAY, Donna. Modest Witness. Second\_Millennium.FemaleMan Meets Onco Mouse: **Feminism and Technoscience**. New York and London: Routledge, 1997.
- hooks, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. Florianópolis: **Revista Estudos Feministas**. 2008.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária. **ABEH**. Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero. Salvador, 2012.

JUSTO, Gabriel. Pelo 12º ano consecutivo o Brasil é o país que mais mata transexuais do mundo.

**Revista Exame.** Disponível em:

<https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>. Acesso em: 09 nov. 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático por Juliana Araújo Lopes. Volume 1, **Dakar**. 2004.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** São Paulo: n-1 edições. 2018.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do Sexo.** 1975.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.** 2ª ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SCHIAVON, Amanda; FAVERO, Sofia; MACHADO, Paula; A ciência que vigia o berço: Diferentes leituras de “saúde” frente a crianças trans e crianças intersexo. **REBEH V.3 N.9** Dossiê Temático. v. 3 n. 9. Cuiabá: 2020.

THATCHER, Margaret. Interview for Sunday Times. Ronald Butt. 1981. **Margaret Thatcher Foundation.** Disponível em: <https://www.margarethatcher.org/document/104475>. Acesso em: 06 dez. 2021.

VARELA, Francisco. O reencantamento do concreto. **Cadernos de subjetividade.** São Paulo: EDUC, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica PUC-SP. 2003.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** 2016. 244 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.